

OPERAÇÃO Z: A VERDADE OCULTA SOBRE A GUERRA NA UCRÂNIA

*Por Jacques Baud**



Ilustração da capa do livro de Jacques Baud.

Tradução de uma amostra do livro de Jacques Baud sobre o conflito na Ucrânia, intitulado "Operation Z" (o codinome da operação lançada pela Rússia em 24 de fevereiro de 2022).

A QUESTÃO UCRANIANA

Os defensores da União Europeia (EU) afirmam que a política externa russa é guiada pelo fato de que "Putin odeia a União Europeia" e "construções supranacionais", e que ele visa "humilhar a União Europeia", já que é seu "inimigo público número um".

Este mito decorre de uma simplificação da sequência de eventos que levaram à crise do Maidan em 2013-2014. Vladimir Putin foi acusado de se recusar a permitir que a Ucrânia assinasse um acordo com a União Europeia.

No entanto, a Rússia e seus líderes sempre estiveram cientes de suas fraquezas econômicas. Como resultado, eles nunca tentaram competir com a Europa ou os Estados Unidos. Desde a era czarista, a Rússia nunca conseguiu desenvolver uma base industrial equivalente à da Europa ou da Ásia; e sabe disso. Na era pós-Guerra Fria, a Rússia se viu como complementar à Europa, não como sua igual.

É por isso que a enxurrada de sanções que sofreu desde fevereiro de 2022 a afeta apenas parcialmente – a Europa depende da Rússia e suas matérias-primas, enquanto a Ásia fornece à Europa seus produtos de consumo.

Em segundo lugar, é importante lembrar que a população ucraniana não foi unânime a favor de um acordo com a União Europeia. Em novembro de 2013, uma pesquisa realizada pelo Instituto Internacional de Sociologia de Kiev (KIIS, *Kiev International Institute of Sociology*) mostrou que estava então dividida 50/50 entre um acordo com a União Europeia e uma união aduaneira com a Rússia.

Como o presidente Yanukovich, muitos acreditam que a economia ucraniana está estruturalmente adaptada ao mercado russo. Com uma base industrial que complementa a dos países da ex-URSS, não está preparada para enfrentar o tão competitivo mercado europeu. Uma ruptura muito rápida dos laços comerciais com a Rússia enfraqueceria sua própria economia. Isso seria confirmado pelo que aconteceu a seguir.

Por seu lado, a Rússia não se opôs a um acordo entre a Ucrânia e a União Europeia, mas procurou manter as suas relações econômicas com o seu principal parceiro histórico. É por isso que propôs um grupo de trabalho tripartite, cujo objetivo era conciliar o desejo da Ucrânia de ingressar na União Europeia, preservando seus laços com a Rússia. Segundo Mykola Azarov, ex-primeiro-ministro ucraniano, estudos mostraram que esta proposta não conflitava com a proposta europeia e que, portanto, era possível uma solução que satisfizesse os interesses ucranianos.

No entanto, José Manuel Barroso, então Presidente da Comissão Europeia, recusou e pediu à Ucrânia que escolhesse. O governo ucraniano pediu, assim, à União Europeia que atrasasse a assinatura do acordo de forma a estudar melhor as implicações do acordo com a União Europeia nas suas relações com a Rússia e preparar melhor a sua economia para esta situação. Ele afirmou:

“Não há alternativa para as reformas na Ucrânia e nenhuma alternativa para a integração europeia... Estamos indo por esse caminho e não mudando de direção.”

O então primeiro-ministro ucraniano confirmou isso:

“Posso dizer com plena consciência que o processo de negociação do Acordo de Associação continua e que o trabalho de aproximação do nosso país aos padrões europeus não para um só dia.”

Esta suspensão foi claramente apenas temporária, mas foi apresentada pela imprensa ocidental e pela oposição ucraniana como uma recusa em se aproximar da Europa sob pressão russa. A opinião pública ucraniana, à qual haviam sido prometidos vistos ou aumentos salariais, foi rapidamente polarizada e seu descontentamento instrumentalizado – esse foi o início dos eventos de Maidan.

Foi, portanto, a União Europeia que criou as tensões entre a Ucrânia e a Rússia, como Arnaud Dubien observa no *Le Monde*:

“A Ucrânia é um país muito fragmentado com múltiplas identidades e não pode fazer uma escolha clara, seja em favor do Ocidente ou da Rússia. Um dos erros de Bruxelas foi pedir-lhe que o fizesse e virar as costas à Rússia, uma opção suicida para o país.”

Os europeus deliberadamente empurraram a Ucrânia para o suicídio. No *Washington Post*, Henry Kissinger, Conselheiro de Segurança Nacional de Ronald Reagan, observou que a União Europeia “ajudou a transformar uma negociação em uma crise”. Ironicamente, o novo governo que emergiu do Euromaidan foi obrigado a ter o mesmo tempo de reflexão que Yanukovych esperava, e só conseguiu assinar o acordo com a União Europeia em 2017.

Como afirmou o investigador Frederico Santopinto do Grupo de Investigação e Informação sobre Paz e Segurança (GRIP, *Group for Research and Information on Peace and Security*) em Bruxelas, a Rússia não se opôs a um acordo com a UE, mas não à custa da sua relação com a Ucrânia. Foi a UE que recusou a coexistência de dois acordos: a diplomacia europeia via a Ucrânia como uma fronteira entre o Oriente e o Ocidente, enquanto a Rússia a via como uma ponte. Como em 2022, a diplomacia europeia não levou em conta três fatores que são de grande preocupação para a Ucrânia:

- Os países do Leste Europeu têm – gostem ou não – laços culturais, econômicos e históricos com a Rússia. Isso é particularmente verdadeiro nas ex-repúblicas da URSS (como os Estados Bálticos, Bielorrússia e Ucrânia), que têm grandes minorias de língua russa e cujas indústrias eram amplamente complementares às da Rússia;
- A UE não conseguiu integrar os países de Leste num espírito europeu comum. Esses países mergulharam brutalmente em uma cultura europeia de tolerância e cooperação, forjada lentamente desde a Segunda Guerra Mundial. No entanto, estes países da “nova Europa” não só não têm uma tradição democrática, como também não têm os mesmos valores da parte ocidental da UE. Nos Estados Bálticos e na Ucrânia, o ódio aos soviéticos se transformou em ódio aos russos, que é convenientemente explorado pelos EUA. Ao contrário do resto da Europa, eles ainda veem o Terceiro Reich como um libertador. O uso da tortura, questões sociais (aborto, LGBT, etc.), seu alinhamento incondicional com a política externa americana, não mostram um profundo apego aos valores europeus;
- A UE luta para reunir os interesses individuais de seus membros em uma abordagem coerente e em uma verdadeira política externa comum. Como resultado, a Alemanha, a França e, às vezes, a Itália muitas vezes têm que representar informalmente a voz da Europa. A crise ucraniana e a crise econômica decorrente de suas decisões mostram que a Europa se une mais em torno de um ódio comum do que em torno de interesses comuns.

EUROMAIDAN E A MILITARIZAÇÃO DO CONFLITO

A revolução Maidan foi uma série de sequências, com diferentes atores. Hoje, aqueles que são movidos pelo ódio à Rússia estão tentando fundir essas diferentes sequências em um único “ímpeto democrático” – uma forma de validar os crimes cometidos pela Ucrânia e seus neonazistas.

A princípio, a população de Kiev, decepcionada com a decisão do governo de adiar a assinatura do tratado, se reuniu nas ruas. Não houve menção de revolução ou

mudança de poder, mas uma simples expressão de descontentamento. Ao contrário do que afirma o Ocidente, a Ucrânia estava profundamente dividida na questão da reaproximação com a Europa. Uma pesquisa realizada em novembro de 2013 pelo Instituto Internacional de Sociologia de Kiev (KIIS, *Kiev International Institute of Sociology*) mostrou que estava dividida exatamente 50/50 entre um acordo com a União Europeia e uma união aduaneira com a Rússia. No sul e no leste do país, a indústria está fortemente ligada à Rússia. As pessoas temiam que um acordo que excluísse a Rússia acabaria com seus empregos. Isto é o que aconteceu.

Nesta fase, não parecia que os ucranianos fossem geralmente hostis à Rússia. Mas a situação foi rapidamente cooptada pelos EUA, que trabalhavam nos bastidores para explorar o ímpeto popular e instrumentalizá-lo para apertar o laço contra a Rússia.

Em 2014, eu estava na OTAN e observei a crise ucraniana de dentro, por assim dizer. Desde o início, ficou claro que a situação estava sendo alimentada pelo Ocidente. Vídeos mostram que os golpistas foram apoiados por homens armados que falavam inglês com sotaque americano. A revista alemã *Der Spiegel* mencionou a presença de mercenários da firma Academi (ex-Blackwater, de sinistra memória no Iraque e no Afeganistão). O Serviço Federal de Inteligência Alemão (BND) aparentemente informou o governo alemão. Informei meus contatos diplomáticos na OSCE – mas isso logo foi esquecido.

Uma conversa telefônica entre Victoria Nuland, então secretária de Estado adjunta para a Europa e Eurásia, e Geoffrey Pyatt, embaixador dos Estados Unidos em Kiev, revelada pela BBC, mostra que os próprios americanos escolheram os membros do futuro governo ucraniano, desafiando o ucranianos e europeus. Essa conversa, que ficou famosa graças ao famoso “F*** the EU!” de Nuland, atesta o fato de a União Europeia ter sido apenas um capacho neste caso.

Para apresentar esta revolução como democrática, a verdadeira “mão do Ocidente” foi habilmente escondida pela mão imaginária da Rússia. Ao afirmar que as rebeliões em Donbass e na Crimeia foram resultado da intervenção russa, escondeu-se que grande parte da população não aprovava a derrubada do governo, o que era ilegal e ilegítimo. Pela mesma razão, o ultranacionalismo dos golpistas foi sistematicamente minimizado, assim como a legitimidade das reivindicações dos falantes de russo acusados de serem agentes de Moscou.

O início dos eventos Euromaidan foi popular e bem-humorado. Mas logo após um acordo com os manifestantes para realizar eleições no final de 2014 e fazer uma transição democrática, os jogadores mudaram. Ultranacionalistas e outros neonazistas apoiados pelo Ocidente assumiram o controle. O acordo assinado não foi respeitado e houve violência. Longe de ser a expressão de uma revolução democrática, foi obra de grupos radicais do oeste da Ucrânia (Galiza), que não eram representativos de todos os ucranianos. Foram eles que derrubaram o presidente Yanukovich.

Portanto o Euromaidan era popular, mas não democrático. Em maio de 2022, durante uma conferência na Suíça, um jornalista de extrema direita gritou para

mim: “O que é popular é democrático!” Na verdade, ele afirmava o princípio do populismo que está na origem do fascismo que inspirou os neonazistas ucranianos, como veremos mais adiante. De fato, um ex-participante dos eventos do Maidan alertou que “esta revolução reflete a ascensão do fascismo”.

Como nos lembra o *L’Obs*, a revolução do Maidan em 2014 nada mais foi do que um golpe de estado, liderado pelos Estados Unidos com o apoio da União Europeia. Em dezembro de 2014, George Friedman, presidente da plataforma de inteligência geopolítica dos EUA Stratfor, disse em entrevista à revista russa *Kommersant*:

“A Rússia define o evento ocorrido no início deste ano [em fevereiro de 2014] como um golpe organizado pelos EUA. E, na verdade, foi o [golpe] mais flagrante da história.”

Ao contrário dos observadores europeus, o Atlantic Council, que apoia muito a OTAN, foi rápido em notar que a revolução do Maidan foi sequestrada por certos oligarcas e ultranacionalistas. Ele observa que as reformas prometidas pela Ucrânia não foram realizadas e que a mídia ocidental aderiu apenas a uma narrativa “preto e branco”, sem qualquer visão crítica.

Assim, o que Raphaël Glucksmann chamou de “revolução democrática” não passou de um golpe de força, desferido sem base legal, contra um governo cuja eleição havia sido qualificada pela OSCE como “transparente e honesta” e que “oferecia uma impressionante demonstração de democracia”. Posteriormente, o presidente eleito democraticamente, Yanukovich, foi condenado por “alta traição” por ter defendido a ordem constitucional.

Longe de ser democrático, o golpe de Estado que culminou nos acontecimentos do Maidan não foi unanimidade entre o povo ucraniano, nem em seu conteúdo, nem em sua forma. Os nacionalistas assumiam os governos regionais no norte do país, enquanto no sul os legalistas procuravam manter a ordem constitucional.

A ASCENSÃO DO EXTREMISMO DE DIREITA NA UCRÂNIA

Desde 2014, para legitimar seu apoio ao novo regime de Kiev e à luta contra a Rússia, o Ocidente tem se esforçado para minimizar a importância da extrema-direita na Ucrânia. Eles encobrem os crimes cometidos desde 2014 contra a população de Donbass para desafiar o objetivo de “desnazificação” de Vladimir Putin.

A menção de “neonazistas” no regime ucraniano é sistematicamente descartada como propaganda russa pela mídia, jornalistas e políticos que promovem ideias neonazistas e russofóbicas. Como observa o meio de comunicação americano *The Hill*, isso não é simplesmente propaganda russa.

É importante entender os termos usados. De fato, o termo “ultranacionalista”, frequentemente usado para descrever os extremistas ucranianos, é apenas parcialmente relevante. Refere-se aos ucranianos no oeste do país que buscam criar uma Ucrânia “pura”, ou seja, livre de todas as minorias não ucranianas.

Os voluntários estrangeiros provavelmente não eram “nacionalistas” ou “ultranacionalistas”. Seus motivos eram obviamente muito diversos, mas havia a constante de uma luta por uma Europa branca. A Europa aqui prevista não tem nada a ver com a UE, que a maioria dos paramilitares ucranianos rejeita. É uma Europa “racialmente pura”, unida por um ideal natiocrático.

O termo “nazista” refere-se ao nacional-socialismo (nazismo), uma doutrina que nos remete à década de 1930 na Alemanha. Sem entrar em detalhes, combina nacionalismo e socialismo em uma ideologia “compacta”, postulando que o principal obstáculo para a aplicação de ambos é a presença de judeus na sociedade alemã. É um sistema doutrinário coerente.

O que é descrito como “neonazismo” não é uma doutrina compacta e construída. É mais um fenômeno social do que uma doutrina política. É um conjunto heterogêneo de ideologias que combinam o ódio a tudo e a todos numa espécie de representação teatral da violência, associando o simbolismo nazista. Há indivíduos que veem no ódio do outro uma glorificação de sua concepção de nação.

É paradoxal que movimentos essencialmente nacionalistas tenham tal colaboração internacional. A resposta está na própria abordagem. Os combatentes estrangeiros que se envolvem com os movimentos de extrema direita ucranianos não estão lutando pela Ucrânia, mas pela “Ideia de Nação”. Em outras palavras, eles estão lutando pelo princípio do poder dado à nação. É por isso que, ao lado dos símbolos nazistas, encontramos símbolos da supremacia branca, como a cruz celta.

O termo “neonazista” é, portanto, um tanto enganoso. Apesar das aparências, “neonazistas” não são descendentes de “nazistas”. Ao contrário, são primos de segundo grau de casamentos consanguíneos, que compartilham a mesma brutalidade. O vínculo de parentesco aparece claramente através da “Ideia de Nação”, descrita em quatro princípios por Andriy Biletsky, fundador do movimento AZOV:

- A nação tem uma base étnica, definida pelo sangue;
- O interesse da nação é superior ao do indivíduo;
- A sociedade é estruturada em torno de uma hierarquia étnica e o poder é exercido por membros da elite étnica;
- Os membros desta nação constituem um grupo de elite de cidadãos plenos, enquanto os demais são “cidadãos de segunda classe”.

Na verdade, a Ideia de Nação é um tema comum em muitos movimentos de extrema-direita. É simbolizado por um “N” cruzado por um “I” maiúsculo, que nada mais é do que a representação invertida da runa *Wolfsangel* encontrada no simbolismo nazista.

Publicado no [The Postil Magazine](#).

****Jacques Baud** é coronel aposentado do Estado-Maior-Geral da Suíça, ex-membro da inteligência suíça e especialista em países do Leste Europeu. Foi chefe de doutrina para as operações de paz das Nações Unidas e projetou e liderou o primeiro serviço de inteligência multidimensional da ONU no Sudão. Trabalhou para a União Africana e foi responsável pela luta contra a proliferação de armas pequenas na OTAN por cinco anos. Na OTAN, acompanhou a crise ucraniana de 2014 e participou de programas de assistência à Ucrânia. Atualmente é analista geopolítico amplamente respeitado cujas publicações incluem diversos artigos e livros sobre inteligência, guerra e terrorismo. Seu livro mais recente é sobre a guerra na Ucrânia, intitulado "Operation Z".*
